

O poder das “forças terríveis”: a renúncia de Jânio Quadros e o ensaio para o golpe civil-militar de 1964

Carla Darlem Silva dos Reis^I

Resumo: Refletir sobre os caminhos da mídia durante os governos brasileiros é algo que deve sempre ser feito. Neste trabalho, objetivamos entender a conturbada transição presidencial entre o governo de Jânio Quadros e João Goulart em 1961, bem como a chegada de João Goulart ao poder. Após isso, analisar o papel da mídia nos idos de 1961-1964, quando ocorre o golpe Civil-Militar e depõe Jango. Os jornais utilizados nessa pesquisa são os de amplitude nacional (*Estado de S.Paulo*, *Folha*, *Jornal do Brasil* e *O Globo*) e um de esfera estadual: *Gazeta de Sergipe*, fazendo um balanço da posse e dos feitos de Jango em sua curta temporada na presidência.

Palavras-Chave: Mídia; Política; Golpe Militar.

The power of the "terrible forces": the resignation of Jânio Quadros and the test for civil-military coup of 1964

Abstract: Reflect on the media paths for Brazilian governments is something that should always be done. In this work, we focus on read the troubled presidential transition between the government of Jânio Quadros and João Goulart in 1961, as well as the arrival of João Goulart to chairmanship. After that, analyze the media's role in the ides of 1961-1964, when there is the Civil-Military coup and deposes Jango. Newspapers used in this research are of national scope (*Estado de S.Paulo*, *Folha*, *Jornal do Brasil* e *O Globo*) and one of state realm: *Gazeta de Sergipe*, taking stock of the possession and made Jango in his short stay in presidency.

Key-Words: Media; Politics; Military Coup.

Artigo recebido em 15/03/2016 e aceito em 21/05/2016.

O PODER DAS “FORÇAS TERRÍVEIS”: A RENÚNCIA DE JÂNIO QUADROS E O ENSAIO PARA O GOLPE CIVIL-MILITAR DE 1964

CARLA DARLEM SILVA DOS REIS

Introdução

1961 foi um dos anos mais emblemáticos do Brasil, marcado por um jogo político arquitetado por deputados, governadores e pela renúncia de um presidente: Jânio Quadros. Ao ser eleito presidente com 48,27%^{II} dos votos, Quadros vinha com o lema de “varrer a corrupção” e moralizar o país, ele teria sido o escolhido para continuar abastecendo a locomotiva desenvolvimentista brasileira. A campanha política de Quadros foi baseada em propagandas que tinham como o tema a varredura da corrupção, por esse motivo tornou-se tão popular naquele momento. O seu jingle^{III} dizia:

Varre, varre, varre, varre vassourinha! Varre, varre a bandalheira! Que o povo já tá cansado de sofrer dessa maneira. Jânio Quadros é a esperança desse povo abandonado! Jânio Quadros é a certeza de um Brasil, moralizado! Alerta, meu irmão! Vassoura, conterrâneo! Vamos vencer com Jânio!

O investimento feito através das propagandas auxiliou na vitória de Jânio Quadros, que já era visto pela população como um líder carismático, devido as medidas populares por ele tomadas ao ser vereador (1948), deputado estadual (1950), prefeito (1953), governador (1955), todos os cargos ocupados em São Paulo capital e Estado. Através das propagandas Jânio Quadros conseguiu fazer com que grande parte da população ficasse ao seu lado, mostrando-se como um aliado do povo e como a *esperança* para o fim da corrupção, colocando-se como o salvador da nação naquele momento^{IV}.

Nas eleições para prefeito de São Paulo em 1953, Jânio já se colocava como o salvador do povo oprimido, tendo em vista que o seu *slogan* era “O tostão contra o milhão”, para Magalhães, (2007, p. 287)

Jânio compôs um tipo à imagem e semelhança de parte do seu eleitorado, visando extremar as diferenças sociais. [...]. É importante afirmar que as vitórias de Jânio não se fizeram apenas com o voto da periferia, mas pode-se levantar a hipótese da emergência da figura janista ter ocorrido, em grande medida, por causa deste apoio.

A vassoura tornou-se o símbolo máximo da ‘limpeza’ do país, selos, santinhos, comerciais, todo o material de campanha tinha a vassoura como símbolo máximo da empreitada política das eleições de 1960. Foi assim que Jânio Quadros elegeu-se presidente com “quase 1,8 milhão de votos à frente de Lott” (MARKUN; HAMILTON, 2011).

Naquele momento o voto para presidente e vice-presidente era individual, por esse motivo, temos duas figuras tão distintas no governo. Jânio Quadros concorreu às eleições pelo Partido Trabalhista Nacional (PTN) e contava com o apoio político da União Democrática Nacional (UDN), que tinha como principal líder Carlos Lacerda principal opositor Varguista. Lacerda via em Quadros um modo de colocar as pretensões udenistas e conservadoras a frente da sociedade brasileira. Entretanto, o governador da Guanabara não esperava que ao chegar à presidência Jânio divergiria no tocante às alianças da política externa brasileira. O seu vice-presidente João Goulart, herdeiro político de Getúlio Vargas, colaboraria tanto para as mudanças políticas como para as

O PODER DAS “FORÇAS TERRÍVEIS”: A RENÚNCIA DE JÂNIO QUADROS E O ENSAIO PARA O GOLPE CIVIL-MILITAR DE 1964

CARLA DARLEM SILVA DOS REIS

culturais. Jango prezava por aproximações com os sindicatos e com os partidos de esquerda, parecia que enfim o Brasil teria um diálogo de maneira mais direta com o povo.

As relações diplomáticas brasileiras estavam se tornando independentes e o presidente “assumiu a posição de não mais se alinhar automaticamente aos Estados Unidos” dessa maneira o Itamaraty buscou os países que fossem do interesse do Brasil, quer fossem de regimes comunistas, quer não^V.

Todavia, antes das aproximações com os países alinhados à esquerda, os jornalistas responsáveis por grandes jornais como *O Globo* e *Estado de S. Paulo*, tratam de fazer aproximações discursivas do presidente do Brasil para com John F. Kennedy dos EUA, a exemplo temos *O Globo* de 5 de janeiro de 1961 ao colocar na manchete “Nas mãos de Kennedy e Jânio grandes responsabilidades no futuro das Américas” (p. 1). O *Jornal do Brasil*, daquela mesma data traz a reportagem “América só debate Cuba com Jânio-Kennedy” (p. 1), enfatizando como a eleição de ambos os presidentes foi significativa para as relações exteriores do Brasil e dos Estados Unidos com os demais países, não só da América, mas também de outros continentes. O discurso empreendido pela grande mídia denotava que o desejo de união Brasil – EUA era latente.

Ao apoiar Jânio Quadros, a UDN, na figura de Carlos Lacerda, não imaginava que o presidente fosse tornar-se independente em demasia para a tomada de decisões diplomáticas, por exemplo, ao condecorar o líder revolucionário Ernesto Che Guevara com a Ordem do Cruzeiro do Sul. Jânio Quadros, com este ato, não buscou nenhum tipo de opinião de seus aliados, fazendo com que Lacerda iniciasse um verdadeiro ataque midiático ao presidente, ao pressioná-lo diante dos programas televisivos, radiofônicos e das declarações na mídia impressa.

No dia 24 de agosto de 1961, na edição vespertina do *Jornal do Brasil*, Carlos Lacerda declarava “a política externa do Brasil é apoiada apenas pelos comunistas” (p.3), na mesma coluna *Coisas da Política*, há uma evidência da polarização política do Brasil, de acordo com o jornal “Os dois campos ideológicos em que se tem dividido as forças parlamentares parecem marchar para uma definição mais nítida nos seus limites e possibilidades de influência [...] articula-se a formação de um bloco conservador, destinado a atuar de modo coerente e efetivo” (p.3). Desenhava-se um quadro sem uma pintura definitiva, o que estaria a acontecer? Quais seriam as decisões a serem tomadas pelos governantes nacionais?

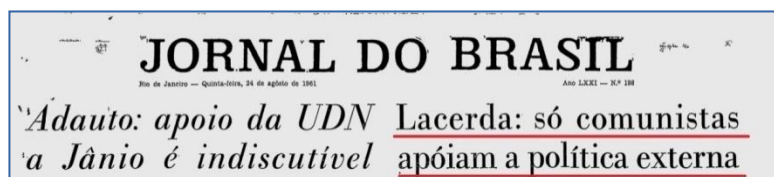


Figura 1: Pronunciamento de Lacerda. Fonte: Jornal do Brasil, 24 de agosto de 1961.^{VI}

Horas após a publicação da edição nº 198 do *Jornal do Brasil*, o país estava prestes a receber uma das notícias mais adventícias daquele momento, pois às 10 horas do dia 25 de agosto de 1961, Jânio Quadros entregava a carta-renúncia ao Congresso Nacional. Alguns historiadores como Jorge Ferreira e Ângela Gomes, afirmam que diversas teorias se levantaram sobre o real sentido da carta de Jânio. De acordo com esses historiadores, Quadros “contava que o povo e os militares defendessem seu mandato. A partir daí, governaria com eles e a despeito do Congresso”. Contudo, essas mobilizações não ocorreram, pois, a sua base parlamentar não tinha grandes aliados, o

O PODER DAS “FORÇAS TERRÍVEIS”: A RENÚNCIA DE JÂNIO QUADROS E O ENSAIO PARA O GOLPE CIVIL-MILITAR DE 1964

CARLA DARLEM SILVA DOS REIS

PSD e o PTB também queriam Jânio Quadros fora da presidência e por esse motivo nada manifestaram.

Com a renúncia é certo que o vice-presidente assumiria, porém ele encontrava-se na China em missão diplomática, ficando impossibilitado de tornar-se o novo presidente. Alegando garantir a ordem, foi formada uma junta militar com os ministros da Guerra, Marinha e Aeronáutica. Renato Mazzilli, o presidente do Congresso Nacional, tornava-se o presidente, mas a Junta Militar era quem dava as ordens no país. O Ministro da Guerra, Odílio Denys, queria garantir que Jango não tomasse posse a qualquer custo. Mas por que temê-lo?

O temor por João Goulart assumir a presidência assombrava e muitos impressos do mundo noticiaram tal fato, inclusive o periódico *La Nacion*^{VII} de 27 de agosto de 1961, afirmando que o Exército brasileiro considerava Goulart como inaceitável para chegar à presidência, devido a sua posição político-ideológica. De acordo com o jornal “Joao Goulart no puede ocupar el cargo vacante po la renuncia de Quadros. El ejército considera a Goulart de **orientación ixquierdista**”^{VIII}, a não aceitação de Jango por parte dos militares e camadas conservadoras brasileiras nos permitem compreender quão dificultosa estava a situação brasileira naquele momento.

A situação política de 1961 é um retrato histórico da situação atual enfrentada: culpabilização de setores sociais, tentativa de silenciamento de movimentos sociais, uma crise econômica e, principalmente, acusar líderes governamentais de ter orientação ideológica de esquerda. Algo que recebe uma conotação totalmente negativa. Contudo, conseguimos compreender a década de 1960, pois havia uma forte polarização advinda da Guerra Fria.

Com a polarização existente naquele momento e a aproximação do socialismo dos países latino-americanos, os informantes do governo estadunidense no Brasil, enviaram telegramas para a Casa Branca. Em um desses documentos^{IX}, é possível perceber a situação de insegurança desenhada para os norte-americanos e para as classes mais conservadoras brasileiras, pois de acordo com o telegrama, não havia um interesse por parte dos militares para que Goulart chegasse a assumir a presidência:

O presidente enfrenta graves problemas na liderança militar, há um elemento predominante chefiado pelo Ministro da guerra Denys, que nega permissão para que João Goulart se torne presidente. Opondo-se a esse ponto de vista um grupo minoritário de generais, sob a liderança do Marechal Lott favorece a volta de João Goulart, permitindo a Goulart assumir a presidência, de acordo com os procedimentos constitucionais^X.

O documento revela ainda que o Ministro da Guerra Odílio Denys, via Jango como um futuro Fidel Castro e assumiria o risco de não permitir ao Brasil tornar-se uma nova Cuba. Os meios de comunicação, nesse momento, exerceram uma influência deveras significativa, pois tanto empreenderam uma ação violenta contra a posse de João Goulart, quanto fortaleceram a imagem do Exército como o símbolo capaz de reerguer a ordem social. A ideia dominante na imprensa era a de convergência com o Marechal Odílio Denys, pois pensavam Goulart como um governante de esquerda e porta-voz de uma comunização brasileira. Dessa maneira, suas capas eram estampadas de matérias contrárias à posse de Goulart. Mas, acompanhando uma tendência mundial, aqui também houve a polarização e alguns jornais tornaram-se favoráveis à volta do líder.

Dos periódicos que circulavam no país, o *Jornal do Brasil* esteve ao lado de Jango, sendo que alguns dos jornais da grande mídia viam o petebista como um

O PODER DAS “FORÇAS TERRÍVEIS”: A RENÚNCIA DE JÂNIO QUADROS E O ENSAIO PARA O GOLPE CIVIL-MILITAR DE 1964

CARLA DARLEM SILVA DOS REIS

“desordeiro”, que traria o comunismo para o país, portanto, indesejável para ficar à frente do Brasil. Para o jornal *O Globo* garantir que Jango não ocupasse a presidência era uma questão de manter a ordem, como bem podemos observar na manchete da primeira página do dia 26 de agosto de 1961:



Figura 2: Em Expectativa a nação sobre a posse de Jango^{XI}.

Em 28 de agosto, esse mesmo periódico estampava a primeira capa com uma entrevista do ministro da Guerra Odílio Denys, na qual o então ministro alertava ao Brasil “Chegou a hora de escolher entre a Democracia e Comunismo”^{XII}. A prisão do Marechal Lott^{XIII}, este favorável a Jango, elucida a situação de desastre eminente que se instaurara no Brasil naquele momento.



Figura 3: Advertência do ministro da Guerra Odílio Denys^{XIV}.

Ao jornal *O Estado de S. Paulo* o Marechal Odílio Denys alertou que preocupava-se com a posse de Ranieri Mazzilli e quanto ao “outro trata-se de uma segunda etapa, da qual se cogitaria oportunamente”^{XV}. Na contramão desses jornais surgiu a Rede da Legalidade, dirigida por Leonel Brizola^{XVI}, para garantir a posse de Goulart. Os discursos inflamados propagados a partir da emissora montada nos porões do Palácio Piratini clamavam à população para integrar a rede de legalidade, para permitir que Goulart voltasse ao Brasil e ocupasse o seu lugar de direito.

Brizola pegou em armas e convocou a população para fazer o mesmo. As ruas de Porto Alegre, principalmente às próximas ao Palácio Piratini, transformaram-se em verdadeiras trincheiras de guerra, com barricadas e soldados que tomavam as ruas. Os

O PODER DAS “FORÇAS TERRÍVEIS”: A RENÚNCIA DE JÂNIO QUADROS E O ENSAIO PARA O GOLPE CIVIL-MILITAR DE 1964

CARLA DARLEM SILVA DOS REIS

jovens iam às urbes, pedindo o cumprimento da Constituição. Brizola exaltava a sua resistência nos pronunciamentos da Legalidade, mostrando que eles estavam preparados para enfrentar uma guerra caso ocorresse. Em pronunciamento localizado no acervo do Memorial Rádio da Legalidade, o Brizola afirmava que: “Não temo poder militar, nós resistiremos com o nosso governo, resistiremos com a força das nossas convicções e com o amor que temos pelo nome, pela honra e pela dignidade da nossa pátria”.^{xvii}

Os jovens elaboravam cartazes com dizeres “Todo Rio Grande de pé pela legalidade e pela democracia”, “Todo Rio Grande do Sul resistirá”, “Irmãos brasileiros, segue o nosso Exemplo”, entre outras frases mostrava o comprometimento do povo gaúcho com a causa levantada por Brizola, que ganhou tamanha dimensão por conta dos discursos emitidos pelo governador gaúcho através da Rede da legalidade.

É certo que sem o poder da mídia falada no Rio Grande do Sul, que se alastrou por quase todo país, João Goulart não conseguiria tomar posse, uma vez que a população não seria informada do que estava acontecendo. O apoio do Marechal Lott à Brizola foi de fundamental importância para o seu grupo ser fortalecido e resistir.

A situação envolveu de tal maneira a população, que chegavam voluntários a todo o momento para participar do *Exército da Legalidade*. O governador, Leonel Brizola, não apenas discursava na emissora, mas também ia às ruas, se fazia integrante assíduo e comprometido do Exército da Legalidade lutando como e quanto pode para estabelecer a posse de Jango^{xviii}. A transmissora montada nos porões do Palácio pela Rádio Guaíba, que havia sido requisitada pelo governador, conseguiu aglutinar diversos intelectuais, políticos, estudantes, grande parte da sociedade civil e uma parte dos militares, através das campanhas empreendidas por Brizola. Estas se deram com tamanha organicidade que foram alvo de investigações por parte dos EUA através dos seus informantes que aqui se encontravam, como consta nos telegramas norte-americanos, reunidos através do projeto *Opening the Archives Project*, uma parceria entre a Universidade Estadual de Maringá e a *Brown University*^{xix}. A força constante nos pronunciamentos de Brizola e a reunião de diversos setores fizeram com que Jango conseguisse assumir o seu posto.

A junta militar e os grupos de oposição a Jango nunca imaginaram a proporção tomada pela *Rede da Legalidade*, não contavam com o poder devastador e rápido do rádio naquele momento. A mídia representou um fator decisivo para garantir a chegada do Presidente João Goulart ao planalto. O movimento popular encabeçado através dos rádios deu tão certo que nem a grande mídia impressa conseguiu derrotar a *Rede da Legalidade*.

A Constituição se fez garantida a partir da mobilização social por meio da mídia e esse foi um dos fatores para que ao iniciar o Golpe civil-militar de 1964 as rádios e os jornais fossem emudecidos^{xx}. Nesses três anos que se sucederam a posse de Goulart, diversas são as notícias desqualificando o governo de Jango, influenciando amplamente a sociedade brasileira, mostrando quão importante é o poder de influência das mais diversas mídias sobre as populações, seja no Brasil ou em qualquer outro continente.

Alguns periódicos passaram a encabeçar a campanha do anticomunismo, pregando que João Goulart flertava de maneira séria com o comunismo. Em 30 de novembro de 1961, temos uma manchete na *Tribuna da Imprensa* “Comunistas tem o apoio de Jango”. As classes mais conservadoras continuavam vendo em Jango um grande perigo, por mais que Jango “reafirmasse a sua fé no capitalismo”, ele continuaria sendo uma ameaça comunista. Para Toledo^{xxi}

O PODER DAS “FORÇAS TERRÍVEIS”: A RENÚNCIA DE JÂNIO QUADROS E O ENSAIO PARA O GOLPE CIVIL-MILITAR DE 1964

CARLA DARLEM SILVA DOS REIS

Jango era uma eficiente porta-voz, nos meios sindicais e populares, da ideologia populista do Estado protetor e 'acima das classes'. Obstinadamente reacionários e intransigentemente anticomunistas, não conseguiam deixar de representar Jango na figura de 'perigoso agitador' e de 'demagogo sindicalista'.

A partir de então, as lutas empreendidas pelas classes conservadoras gravitavam muito mais em torno da “ameaça comunista” do que propriamente em João Goulart.

“Um brinde ao imprevisível”: o governo de jango e ameaça latente de um golpe

Embora alguns autores, como Caio Navarro de Toledo, acreditem que o Golpe de 1964 era inevitável não significa dizer que esta é a visão consensual na historiografia. Moniz Bandeira acredita, por exemplo, que o golpe no Brasil ocorreu mais no sentido de uma luta de classes, pois as elites estavam buscando cercear a ascensão trabalhista proporcionada no governo de João Goulart, para o autor havia uma clara conspiração norte-americana pra impedir as reformas de base, para ele “os agentes da CIA teceram, sem dúvida, toda a rede da conspiração contra o governo de Goulart”^{XXII}, enquanto que para Jorge Ferreira o Golpe ocorreu como um produto da crise conjuntural, não pensando-o como algo inevitável e previsível, fruto de uma conspiração arquitetada por forças conservadoras.

Toledo entendia que o Golpe aconteceria e viria de um lado ou de outro, pois havia uma crise das representatividades, que aos poucos acarretou na tomada do poder pelos militares, de acordo com ele:

A crise de “representatividade” dos partidos políticos evidenciava-se por alguns sintomas característicos; nas duas últimas eleições, verificou-se tanto um aumento do número de votos em brancos e nulos [...], como o número de alianças e coligações (em alguns estados, assistiu-se à formação de “esdrúxulas” alianças entre o PTB e UDN; 47% dos eleitos pela Câmara Federal vieram de coligações)^{XXIII}

Entendemos que após o desembarque de João Goulart em 1961 e a partir da tomada de poder, o golpe começa a ser desenhado, orquestrado não apenas por forças nacionais, mas também por estrangeiros.

As manchetes dos jornais naquele 01 de setembro de 1961 estavam voltadas para a chegada de Jango ao Brasil e a retomada da Presidência, contudo, parte da grande imprensa fez oposição ferrenha ao governo Goulart, dentre os jornais apoiadores do ministro da Guerra tinha-se *O Globo* e *O Estado de S. Paulo*, já o *Jornal do Brasil* e a *Folha de S. Paulo*, auxiliaram a manter o presidente no poder.

O Globo de 01 de setembro de 1961 traz manchetes como: “*O Brasil não se pode transformar em Campo de Batalha sangrenta entre duas ideologias*”^{XXIV}, tendo ainda na mesma edição uma reportagem com o Ministro da Guerra Odílio Denys que dizia: “A nação se levantará contra quem tentar levá-la ao comunismo”, mostrando-nos que, para eles e seus leitores, Goulart era visto como um guardião do comunismo no Brasil e deixar que o mesmo chegasse à Presidência seria transformar a nação em um ambiente soviético.

Essas disputas ideológicas advindas da Guerra Fria e da bipolarização do mundo entre capitalismo X Comunismo foi o que permeou todo o governo de João Goulart,

O PODER DAS “FORÇAS TERRÍVEIS”: A RENÚNCIA DE JÂNIO QUADROS E O ENSAIO PARA O GOLPE CIVIL-MILITAR DE 1964

CARLA DARLEM SILVA DOS REIS

pois todas as medidas tomadas por ele denotavam – para a classe conservadora –, um ato de comunismo, de subversão da ordem brasileira.

A posição tomada pelos jornais deixa claro que a sua intenção era salvaguardar a população do possível perigo comunista trazido por João Goulart. Embora não apresente manchetes relacionadas ao exército e nem estampem, na primeira página, notícias sobre a volta de Goulart ao Brasil, *O Estado de S. Paulo* do mesmo dia 01 de setembro, desenha muito bem a sua posição política contrária a Jango. Dedicavam algumas matérias sobre a situação política do país, dizendo-se insatisfeito com a volta da Legalidade, dada a posse de Goulart. O jornal alegava: “a crise continua e estamos longe de ver completamente dissipadas as ameaças que pairam sobre o país” em alguns pontos faz críticas à União Soviética, delineando a sua posição política e a sua oposição ao presidente^{XXV}.

A *Folha de S. Paulo* e o *Jornal do Brasil* viam a volta de Jango como algo positivo e entendiam que o Congresso Nacional deveria cumprir o papel de respeitar a Constituição e apoiar a legalidade. De acordo com a coluna *Nossa Opinião* da *Folha*, “[...] Antes que se deplorem fatos ainda mais contristadores, cumpra o Congresso o seu dever histórico, mas cumpra-o sem mais tardança” *Folha de S. Paulo*^{XXVI}. O editorial estava lertando que, embora não se mostrasse diretamente favorável ao novo Presidente, ao menos não lhe fazia oposição, como os dois periódicos supracitados anteriormente.

O *Jornal do Brasil* trazia notícias de apoio ao petebista, anunciando a sua saída de Montevideu e os apoios recebidos pela Rede de Legalidade. Uma das chamadas do periódico nos faz compreender como o Exército se encontrava dividido naquele momento, pois enquanto alguns apoiavam Odílio Denys, outros estavam dando apoio a Rede da Legalidade, com Brizola e Goulart, assim como fez o IV Exército do Nordeste em 01 de setembro de 1961, demonstrando como a Rede da Legalidade alcançou grande parte do país naquele momento.

Durante o governo de Jango os jornais de oposição começaram a transmitir a imagem de um homem incapaz de governar, imbricado na corrupção, mesmo que não houvesse provas. Os opositores e críticos de Jango “criaram imagens extremamente negativas para Jango: seria um homem despreparado, demagogo, manipulador dos trabalhadores, corrupto^{XXVII}”. A grande mídia conseguiu criar um complô contra Goulart para garantir, mais tarde, que a população apoiasse as decisões que seriam tomadas pelos militares.

A partir desses conflitos políticos da década de 1960, pode-se fazer uma leitura da História da Imprensa no Brasil. Na perspectiva de Nelson Werneck Sodré, a imprensa pode ser vinculada à luta de classes, uma vez que: “[...] é uma luta em que aparecem organizações e pessoas da mais diversa situação social, cultural e política, correspondendo a diferenças de interesses e aspirações”^{XXVIII}.

Percebe-se, portanto, que nessa luta de classes a grande imprensa está – na maioria das vezes – ligada à burguesia, pois esta é quem detém o poder financeiro e político para manter as instituições jornalísticas, corroborando com o pensamento de Karl Marx e Friederich Engels, ao afirmar que “As ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes”^{XXIX}. O que é claramente percebido nos jornais que compunham o cenário jornalístico daquele momento, excetuando-se o *Jornal do Brasil* que parou de circular de maneira impressa em 2010, sendo publicado apenas de maneira digital desde então. Os demais como *O Globo*, *Folha de S. Paulo*, *Estado de S. Paulo*, continuam circulando no Brasil, mesmo 50 anos depois, significando que são meios ligados a pessoas detentoras dos meios de produção, capazes de financiar esses projetos.

O PODER DAS “FORÇAS TERRÍVEIS”: A RENÚNCIA DE JÂNIO QUADROS E O ENSAIO PARA O GOLPE CIVIL-MILITAR DE 1964

CARLA DARLEM SILVA DOS REIS

Em Sergipe, essa relação também é perceptível com os dois objetos dessa pesquisa, pois os grupos ligados ao jornal *Gazeta de Sergipe* (GS) e à *Rádio Liberdade* (RL) faziam parte da elite^{xxx} sergipana. O proprietário da GS, Orlando Dantas, embora mantivesse uma linha política inclinada para os preceitos da esquerda e tivesse sido um apoiador das reformas de base, vinha de uma tradicional família de usineiros e políticos.

O proprietário da RL, Albino Silva Fonseca, nascido em Itabaiana em 1909, era um industrial influente no estado de Sergipe tendo sido ele quem trouxe para o estado o gás engarrafado e a água mineral. Além disso, foi Senador em 1959, inscrevendo-se no curso da história definido por Sodré de que a grande imprensa estava (e está) nas mãos dos burgueses, para ser utilizada em benefício próprio. Tanto é que a criação da RL favoreceu a eleição de políticos ligados a esse meio de comunicação, como é o caso de Leandro Maciel que venceu as eleições de 1958 com o auxílio das propagandas desta rádio.

A partir do momento em que as Reformas de Base são apoiadas ou rechaçadas por um ou outro meio de comunicação, como ocorreu em Sergipe, onde podia ser encontrada a *Gazeta* apoiando as Reformas e a *Rádio Liberdade* criticando o presidente Goulart. Desse modo, reforça-se a ideia de que dominar a informação é uma forma de exercer o poder dentro de uma sociedade, conforme Sodré reafirmou, pois para ele a informação é uma mercadoria especial, capaz de exercer o poder não apenas político, mas também sociocultural e econômico. Segundo o autor: “a ligação dialética é facilmente perceptível pela constatação da influência que a difusão impressa exerce sobre o comportamento das massas e dos indivíduos”^{xxxI}.

A *Gazeta de Sergipe* e a posse de Jango

A *Gazeta de Sergipe* foi um jornal de grande circulação em Sergipe, tendo sido comercializado ininterruptamente, por quase cinco décadas (1958-2003). Era um periódico ligado inicialmente ao Partido Social Democrático (PSD), e também ao Partido Socialista Brasileiro (PSB). O PSB se instituiu enquanto partido em 16 de agosto de 1947, oriundo da Esquerda Democrática, uma cisão da União Democrática Nacional (UDN)^{xxxII}. Foi um partido que inicialmente contou com poucos adeptos, mas quase todos possuíam um grande prestígio social e por conta da própria formação sociopolítica das suas lideranças não atingiu, inicialmente, o seu objetivo, de ser um partido das massas. A defesa feita por esse partido era do “*Socialismo e Liberdade*”, todavia, esse socialismo estava ligado ao Socialismo pragmático, por conta da diversidade ideológica existente no partido^{xxxIII}.

O PSD, por sua vez, surgiu a partir da redemocratização de 1945 e sua orientação era a de um partido de centro. Essa ideologia estava mais alinhada ao liberal-conservadorismo do que propriamente à orientação ideológica de esquerda, tendo grande influência nas eleições das décadas de 1950-1960, pois era um partido pró-getulista e aliou-se ao PTB para eleger Juscelino Kubitschek e garantir a posse de João Goulart. Esse periódico sergipano tinha a sua ideologia pautada nesses dois partidos, sendo favorável a algumas reformas dentro da sociedade, como a Reforma Agrária e Educacional.

Para contar a história da *Gazeta de Sergipe* faz-se necessário traçar a trajetória de seu fundador: o usineiro e jornalista Orlando Dantas. Filho de um usineiro e político, Manoel Côrrea Dantas, Orlando Dantas nasceu na cidade de Capela, em Sergipe, no ano de 1900. Na adolescência, foi estudar engenharia em Pernambuco, mas ao segundo ano

O PODER DAS “FORÇAS TERRÍVEIS”: A RENÚNCIA DE JÂNIO QUADROS E O ENSAIO PARA O GOLPE CIVIL-MILITAR DE 1964

CARLA DARLEM SILVA DOS REIS

de curso desistiu e optou por estudar Sociologia. Entretanto, também não chegou a concluir o curso. De acordo com Paulo Brandão^{xxxiv}, Orlando Dantas, ao voltar para Sergipe, tornou-se diretor de um banco pequeno, mas não passou muito tempo nessa atividade, envolvendo-se logo com a vida jornalística e desenvolvendo seu tino político.

A informação fornecida por Brandão, todavia, não condiz com o que encontramos nos jornais. Compreende-se que a memória não tem o dever de ser incólume, cabendo ao historiador buscar a sua veracidade, procurando outras fontes para comprová-la. Realmente acontece de Orlando Dantas ter sido diretor de um banco, todavia, não foi um banco pequeno e sim o Banco de Fomento do Estado, como veremos a seguir.

Orlando Dantas tinha capacidade de transmutação, caminhando por diversos meandros, de modo que, envolveu-se com o jornalismo desde cedo, sendo colaborador de diversos jornais como *Diário da Manhã*, *Correio de Sergipe* e *O Nordeste*. Após contribuir com o seu trabalho em diversos periódicos decidiu, em 1948, ter o seu próprio jornal, que passou por diversas nomeações até ser chamado de *Gazeta de Sergipe*.

Analisando a história desse sujeito político, percebe-se a permanência da *Gazeta de Sergipe* como um importante veículo de imprensa na Ditadura Militar se deu por conta dessa facilidade de ingressar e dialogar com pessoas das mais diversas áreas e partidos. A oposição feita aos que estão na situação sempre foi algo pontual e servia aos interesses dele, do seu partido e dos seus correligionários.

De acordo com Luiz Antônio Barreto, Orlando Dantas “era um homem contraditório por ser usineiro, empresário, rico e ter ideias socialistas”^{xxxv}, Dantas ainda, foi lembrado por seu vanguardismo ideológico e político. Em depoimento ao cientista político Ibarê Dantas, João Teixeira, jornalista e colaborador da *Gazeta*, define Orlando Dantas no cenário sergipano como sendo: [...] um homem que apesar de suas origens ligadas a atividade agro-industrial-canavieira, [...], sempre procurou buscar uma visão social mais ampla e transformou o seu jornal num celeiro de lideranças^{xxxvi}.

Compreende-se que essa imagem de Orlando Dantas é algo que se cristalizou na história de Sergipe. É evidente o seu papel para a sociedade naquele momento, contudo, dizer que o mesmo possuía uma visão igualitária, de ideias socialistas não condiz amplamente com as atitudes tomadas pelo mesmo em relação as posturas governamentais. Como era socialista e mantinha trabalhadores em condições precárias nas suas usinas? Ele não era um conservador como os participantes da UDN, entretanto, também não se mostrou um revolucionário socialista, como afirmam alguns entrevistados sobre a figura de Orlando Dantas.

Foi uma figura importante na vida política sergipana até a década de 1960. Participou da fundação do PSD (Partido Socialista Democrático), acompanhado de Leandro Maciel, que mais tarde se tornaria seu inimigo político. De acordo com o jornalista e advogado Paulo Brandão, Orlando Dantas e Leandro Maciel romperam o trato político na década de 1950 por desentendimentos ideológicos. Os embates, feitos através do jornal, fizeram com que ambos rompessem também no plano afetivo.

Dantas utilizou-se do jornal como um mecanismo para ter pulso político e dar voz ao seu partido:

[...] em 1955 ele retorna [ao cenário político] ele tinha que ter sua voz, ele aí era líder do partido socialista, um partido pequeno repleto de intelectuais com pouco peso eleitoral, é, ele não tinha um, ele era uma pessoa relativamente bem de vida, mas não tinha recursos pra bancar, não tinha recursos de estado pra bancar campanhas eleitorais e um partido, então ele liderava o partido

O PODER DAS “FORÇAS TERRÍVEIS”: A RENÚNCIA DE JÂNIO QUADROS E O ENSAIO PARA O GOLPE CIVIL-MILITAR DE 1964

CARLA DARLEM SILVA DOS REIS

com alguns intelectuais, gente bem nova naquela época, tinha José Borges de Oliveira Neto, Antonio Garcia, tinha algumas figuras de destaque no interior, por exemplo, em Maruim tinha um médico, Dr. Leitão, tinha algumas figuras extremamente importantes àquela época e aí o que ocorre é que ele resolve fundar o jornal ligado ao partido socialista.^{xxxvii}

O seu posicionamento político ficou claro ao longo dos anos em que esteve à frente da GS, pois, como bem definiu João Teixeira, o periódico de Seu Orlando foi um “celeiro de ideias políticas”, com a intenção de fortalecer o jornal e o PSB. A sua filiação partidária ao PSB diz muito das alianças e apoios políticos, durante a campanha de Goulart o jornal tornou-se partidário do mesmo e quando ocorreu a renúncia de Quadros apoiaram Brizola e a *Rede da Legalidade*, pois acredita na garantia da Constituição. Diversos são os editoriais e manchetes que mostram essa posição do periódico sergipano, todavia, poucas são as notícias ligadas ao então governador Luiz Garcia (UDN), uma vez que este era oposição. Em algumas dessas, os militares são taxados de “desordeiros”, ainda que indiretamente, pois para a GS, manter a ordem seria deixar Goulart chegar ao poder.

Além desse órgão da imprensa, uma outra instituição apoiadora da volta de Jango foi a Igreja Católica em Sergipe, representada pela figura de D. Távora também foi uma apoiadora de Jango. Isso mostra como o menor estado da federação estava sendo um centro político de resistência. Em editorial do dia 01 de setembro de 1961, a *Gazeta de Sergipe* expõe a posição da Igreja:

Aqui em Sergipe, a palavra de D. José Vicente Távora, nosso eminente Arcebispo, serena, tranquila, conscientemente democrática, virilmente legalista, veio à tona, no momento azado, para que todos os católicos tomassem posição em defesa da Constituição em vias de sofrer um dos maiores atentados da nossa história política^{xxxviii}.

José Conrado de Araújo, à época prefeito da cidade de Aracaju, também lançou manifesto favorável a Jango, nele dizia que o povo sergipano era a favor da democracia, da legalidade e pela família. Nota-se, portanto, que por mais sediciosos que fossem em relação à chegada da Junta Militar ao poder, possuíam o tino conservador, por mais que houvesse uma inclinação em defesa do Chefe da Nação não havia, de maneira alguma, um cerne revolucionário, pois não se admitia chamar-se de comunistas, mas sim de nacionalistas.

O jornal coloca a tentativa de afastar Jango do poder como um prejuízo à democracia, um atentado aos direitos, além de entender que estava se formando, a partir da Rede da Legalidade, uma consciência política e democrática. Para eles, “Será difícil impedir a posse do presidente João Goulart, diante de tanta consciência nitidamente democrática revelada nesta hora”^{xxxix}. Na mesma edição, lançam no editorial *Encruzilhada* o Manifesto Militar como algo que viria a ferir a Constituição:

O manifesto que os Ministros Militares lançaram à Nação, contra a posse do presidente João Goulart, logo após o ato de rejeição do impedimento solicitado ao Congresso Nacional, veio agravar a situação política, perturbar a ordem pública pela subversão dos poderes constitucionais e o rasgamento da nossa Carta Magna^{xl}.

Todavia, ao final do editorial, volta a elogiar os militares para não comprometer-se de maneira direta, alegando que as instituições militares “enriqueceram-se de valores

O PODER DAS “FORÇAS TERRÍVEIS”: A RENÚNCIA DE JÂNIO QUADROS E O ENSAIO PARA O GOLPE CIVIL-MILITAR DE 1964

CARLA DARLEM SILVA DOS REIS

culturais, tronando-se, na realidade, expressão da democracia brasileira”^{XL1}. Alegando ter sido uma “surpresa desse pronunciamento, desse bonapartismo”, pois os militares estariam constituídos como uma organização democrática. É interessante notar como o jornal enxerga a posse dos militares em 1961, como uma maneira de se iniciar a Ditadura, para tanto elucidam que “não há mais lugar para as ditaduras e para ditadores no Brasil, sem os riscos de uma grande convulsão social e política”.

Quando Jango enfim toma posse, a *Gazeta* noticia como sendo um grande presságio aos ventos da democracia, contudo, coloca-se contrária ao sistema parlamentarista. Em suas reportagens, apoiava os manifestos levantados pela Assembleia Legislativa na pessoa de Wolney Melo, então presidente, para que Goulart não aceitasse a ementa, pois para eles seria contrária à vontade do povo brasileiro.

No que diz respeito aos militares do 28º Batalhão de Caçadores, não havia uma unanimidade ao falar sobre a posse de Jango e nem havia uma vontade do periódico aqui estudado de se indispor com as Forças Armadas no estado. Uma vez que, ao mesmo tempo em que a *GS* mostrava as mazelas daquele momento, também elucidava o papel desses militares como mantenedores da ordem, tanto é que no dia 03 de setembro de 1961, ao termos a *Rádio Jornal* e a *Rádio Cultura* fechadas por conta da censura ao noticiar a chegada de Jango, o periódico coloca a seguinte afirmação: “Nesta hora tormentosa que atravessa o Brasil, Sergipe goza de tranquilidade. Todavia, o Comando do 28º BC impôs censura aos noticiários radiofônicos, na presunção de acautelar a ordem pública”.

Como há de se ter uma tranquilidade política se ao mesmo tempo se tem censura aos meios de comunicação? Tudo leva a crer que o periódico não estava disposto a contrariar as ordens e os mandos dos militares, uma vez que ele também poderia ser alvo de censura e o foi, embora de maneira indireta, pois alguns dias antes lança uma nota alertando aos leitores da possível redução das laudas do jornal devido à escassez do papel apropriado para a impressão do periódico.

A censura se dava de maneira indireta, a partir da dificuldade imposta para a obtenção de material apropriado aos periódicos. A partir de setembro e até a normalização da situação política no Brasil, com a posse de Goulart, o periódico *GS* passou a circular com apenas 4 páginas em oposição às oito que possuía antes. Para a *Gazeta*, a posse de João Goulart era o melhor para o Brasil, até porque Seixas Dória, - então candidato ao governo -, teria a sua candidatura apoiada pelo presidente e a *GS* apoiava Dória, tanto é que montou-se dentro do próprio jornal o chamado “Esquema para eleger Seixas Dória”, iniciado muito antes do mesmo lançar-se como candidato oficial. Pois, vários eram os pronunciamentos dados por Dória e ovacionados pela *Gazeta* que já preparava o caminho para Dória tornar-se conhecido pela população.

O pronunciamento favorável à Goulart, além das demais entrevistas e notícias mostrando como a campanha de Seixas Dória seria pautada nas mudanças, nos faz perceber o quão interessado estava Orlando Dantas na candidatura e eleição de Dória, diversas edições do jornal foram montadas para garantir a vitória do apoiador de Jango.

Ao voltar para o Brasil e retomar a presidência, embora em regime parlamentarista, o jornal faz uma homenagem a Leonel Brizola e Mauro Borges, através do editorial de 05 de setembro de 1961 intitulado *Balanço da Crise*, de acordo com o editorial: “Os governadores Leonel Brizola e Mauro Borges valentes e corajosos representantes do poder civil, cresceram e ficaram no coração do povo brasileiro, como os seus mais categorizados líderes”^{XLII}, arrazoando ainda que essa resistência salvou a “Nação Brasileira da pecha de – grande republiqueta latino-americana – campo raso dos ‘golpistas’ a serviço dos grupos econômicos internos e externos”^{XLIII}.

O PODER DAS “FORÇAS TERRÍVEIS”: A RENÚNCIA DE JÂNIO QUADROS E O ENSAIO PARA O GOLPE CIVIL-MILITAR DE 1964

CARLA DARLEM SILVA DOS REIS

Quando Jango consegue enfim a retomada de seu posto, a Gazeta coloca que a vitória não foi apenas do presidente e sim, sobretudo, da democracia. Em 07 de setembro de 1961 anuncia, como a manchete da capa, a posse de Jango às 15 horas daquele dia e no editorial *A Solução Brasileira*, faz um levantamento dos momentos de decisão brasileira, alegando que mais uma vez as decisões eram tomadas de maneira pacífica, sem haver derramamento de sangue e/ou guerra civil. Em 09 de setembro descreveu, no editorial que:

[...]O governo João Goulart, não obstante os freios impostos pelo Ato Adicional à Constituição Federal, será, tudo indica, um governo forte. As forças que se empenharam na sua posse, demonstraram um poder legal invencível. Os pronunciamentos militares não mais encontrarão oportunidade para reduzir o poder legal à vontade de uns poucos [...]^{XLIV}

Os editoriais eram escritos pelo proprietário do jornal e demonstravam o seu posicionamento político tendo, assim, elucidado como que para esse meio de comunicação era essencial a volta de Jango ao poder, pois o indicativo do retorno de Goulart aproximava, cada vez mais, a eleição de Dória. A *Gazeta de Sergipe* serviu de alicerce para diversas lideranças serem eleitas devido a sua influência política e econômica na sociedade sergipana, inclusive Seixas Dória, que foi eleito – de acordo com Paulo Brandão – por um projeto político definido como “Esquema para eleger Seixas Dória”.

Considerações Finais

A sociedade é influenciada de maneira precisa pelos meios de comunicação, por esse motivo as mídias são cooptadas pelos partidos e mercado econômico, afim de influenciar o pensamento e a ação das pessoas. Dessa maneira, pode exercer um controle e produzir suas matérias voltadas para criar uma visão em seu leitor/consumidor. Robert Darton nos diz que a notícia não é o que aconteceu, mas o relato sobre o acontecido e assim sempre fez a política e a mídia, utilizando-se de artifícios para criar imagens e cristalizar conceitos. Desde o início do ano vemos, constantemente, a acusação de pessoas favoráveis ao governo, ou que não concordem com o que a grande mídia coloca como “comunista”, “bolivariano” e percebemos que esse discurso não é algo novo, pois o modo utilizado pela mídia atual é o mesmo da década de 1960 e isso se dá, principalmente, porque os mesmos que estavam a frente do processo naquela década, são os presentes agora.

Evidente que na atualidade esse quadro tornou-se mais complexo devido à enormidade de informações e ao fluxo com o qual as notícias são produzidas o que se deve, em grande parte, à rede mundial de computadores. Mas mesmo em uma sociedade na qual a informação se alastra como pólvora, conseguimos observar essas relações sendo transmitidas, pois ambos os lados (mídia e esfera política) possuem trocas a serem feitas.

É preciso desconstruir o papel de uma mídia imparcial e apolítica, pois em todos os momentos foi responsável por delinear a trajetória política do país, sempre tomando partido daquilo que lhe fosse mais favorável. A função da imprensa e suas notícias devem ser problematizadas e levadas ao campo da inquietação e não da aceitação passiva.

Notas

¹ Mestre em História/UFS, Tutora do Centro de Educação a Distância – CESAD/UFS/UAB

O PODER DAS “FORÇAS TERRÍVEIS”: A RENÚNCIA DE JÂNIO QUADROS E O ENSAIO PARA O GOLPE CIVIL-MILITAR DE 1964

CARLA DARLEM SILVA DOS REIS

^{II}Disponível

em: http://bd.camara.leg.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/13037/dados_estatisticos_vol5.pdf?sequence=5, com a cessão em 10 de janeiro de 2016.

^{III}De acordo com Tavares et al (s/d, p.1) o jingle pode ser definido como uma composição musical e verbal de longa ou curta duração (15 a 30 segundos, às vezes mais, contendo as características de uma canção) feita para um produto ou serviço. Nesse caso servindo para as campanhas políticas.

^{IV} MAGALHÃES, Felipe Neto. 2007.

^V FERREIRA, Jorge. GOMES, Ângela. 2012.

^{VI}Disponível

em:

<http://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC&dat=19610824&printsec=frontpage&hl=pt-BR>, acessado em 15 de setembro de 2014.

^{VII}Jornal La Nacion, produzido e impresso em San José, Costa Rica. Tradução livre do autor. Acervo disponível em:

<http://news.google.com/newspapers?nid=BZGggv0hN9sC&dat=19610827&printsec=frontpage&hl=pt-BR> acesso em 25 de agosto de 2014

^{VIII}Disponível em:

<http://news.google.com/newspapers?nid=BZGggv0hN9sC&dat=19610827&printsec=frontpage&hl=pt-BR> com acesso em 25 de agosto de 2014. Grifo nosso.

^{IX}Telegrama consultado em: <http://www.jfklibrary.org/Asset-Viewer/Archives/JFKPOF-112-013.aspx>, com acesso em 20/08/2014.

^XTelegrama disponível em: <http://www.jfklibrary.org/Asset-Viewer/Archives/JFKPOF-112-013.aspx>, com acesso em 20 de agosto de 2014. Tradução nossa.

^{XI}Fonte: *O Globo*, 26 de agosto de 1961. Localização: <http://acervo.oglobo.globo.com/Acervo>

^{XII}*O Globo*, 1961, p. 1

^{XIII}O Marechal Henrique Teixeira Lott, acabou sendo preso por conta de um Manifesto no qual pedia apoio às Forças Armadas e apoiava a posse de João Goulart. De acordo com CARLONI (2010, p. 232) o ministro da Guerra Marechal Odílio “Denys deu ordem de prisão a Lott e a outros oficiais que colaboraram para a divulgação do manifesto de 1961, [...]”

^{XIV}Fonte: *O Globo*, 28 de agosto de 1961. Localização: <http://acervo.oglobo.globo.com/Acervo>

^{XV}*O Estado de S. Paulo*, 26 de agosto de 1961, p.3

^{XVI}A época Leonel Brizola era filiado ao PDT, também considerado herdeiro político de Getúlio Vargas, era governador do Rio Grande do Sul e articulou a criação da Rede da legalidade para garantir a posse de Jango.

^{XVII}Áudio disponível em: <http://www.legalidade.rs.gov.br/2011/08/resistiremos-com-a-forca-das-nossas-conviccoes-fragmento-dos-discursos-de-leonel-brizola-material-cedido-pela-radio-guaiba/>, com acesso em 15 de outubro de 2014.

^{XVIII}CASTRO, Nilo André Piana de. 2011.

^{XIX}Os arquivos estão disponíveis em: https://repository.library.brown.edu/studio/collections/id_644/, último acesso em 10 de janeiro de 2014.

^{XX}FERREIRA e GOMES, 2014, p. 43

^{XXI}TOLEDO, Caio Navarro de.1982.

^{XXII}BANDEIRA MONIZ, Luiz Alberto. 1978, p. 126,

^{XXIII}TOLEDO, Caio Navarro, 1982, p. 69

^{XXIV}*O Globo*, 01 de setembro de 1961, p. 1

^{XXV}*O Estado de S. Paulo*, 01 de setembro de 1961, p.2

^{XXVI}Durante o período ditatorial o jornal *Folha de S. Paulo*, apoiou veementemente os militares, entretanto, lançou um editorial quando “comemorou-se” os 30 anos do golpe se desculpando sobre o apoio naquele 1964, pois de acordo com o editorial “Este jornal deveria ter rechaçado toda a violência” e não ter sido aliado aos militares. Editorial disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/158906-1964.shtml>, acesso em 05 de novembro de 2014.

^{XXVII}Ferreira e Gomes (2014, p. 50)

^{XXVIII}SODRÉ, Nelson Werneck.1990, p. 1

^{XXIX}MARX, Karl, ENGELS, Friederich, 1986, p. 72

^{XXX}Para conceituar “elites”, nos pautamos em BOBBIO, Norberto (1998), que entende este termo como sendo uma minoria da sociedade que detém o poder e dita as regras para a maioria da sociedade.

^{XXXI}Op. Cit.

^{XXXII}HECKER, Alexandre. 1986 p. 71

O PODER DAS “FORÇAS TERRÍVEIS”: A RENÚNCIA DE JÂNIO QUADROS E O ENSAIO PARA O GOLPE CIVIL-MILITAR DE 1964

CARLA DARLEM SILVA DOS REIS

xxxiii SILVA, Luis Dário. 1992

xxxiv Jornalista da GS e neto do fundador do jornal, Paulo Dantas Brandão concedeu entrevista à autora em 16/03/2012

xxxv Jornalista e diretor do jornal. Concedeu entrevista à autora em 16/03/2012, vindo a falecer em 17/04/2012. Representava um ícone na história e intelectualidade sergipana.

xxxvi DANTAS, Ibarê. 1997, p. 43

xxxvii Paulo Brandão em Entrevista concedida a autora, em 16 de março de 2012.

xxxviii *Gazeta de Sergipe*, 01 de setembro de 1961, p. 2

xxxix Op. Cit.

xl *Gazeta de Sergipe*, 01 de setembro de 1961, p. 5

xli Op. Cit.

xlII *Gazeta de Sergipe*, 05 de setembro de 1961, p.2

xlIII Op. Cit.

xlIV Op. Cit.

REFERÊNCIAS

ABREU, Alzira Alves (org.). **A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro dos anos 50**. Rio de Janeiro, FGV, 1996.

_____. **Imprensa Brasileira – 1930/1990**. Rio de Janeiro, FV/CPDPOC, 1991.

AQUINO, Maria Aparecida de. **Censura, Imprensa, Estado Autoritário (1968-1978): o exercício cotidiano da dominação e da resistência: O Estado de São Paulo e Movimento**. Bauru: Edusc, 1999

BOBBIO, Norberto. **Dicionário de Política**. Tradução: Carmen C. Varriale et al. 11. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

DANTAS, Ibarê. **A Tutela Militar em Sergipe, 1964/84: partidos e eleições num estado Autoritário**. São Cristóvão, EDUFS, 1997.

FERREIRA, Jorge; GOMES, Ângela de Castro. *Jango: as múltiplas faces*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2007.

_____. **'1964 - O golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil'**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2014

HECKER, Alexandre. **Socialismo sociável: história da esquerda democrática em São Paulo (1945-1965)**. São Paulo: Ed. UNESP, 1998. HIPOLITO, Lucia. *De raposas e reformistas: o PSD e a experiência democrática brasileira (1945-64)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

MAGALHÃES, Felipe Santos. VARRENDO A IMPRENSA: A ASCENSÃO DE JÂNIO QUADROS E O PERIODISMO PAULISTANO (1947-1951). **Projeto História**, São Paulo, n.35, p. 271-290, dez. 2007

MARTINS, Flávia; CÔRTEZ, Joana. **Memórias empoeiradas da Gazeta de Sergipe**. Monografia (Bacharelado em Jornalismo) – Departamento de Comunicação Social, Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2003.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã** (I – Feuerbach). São Paulo: Hucitec, 1986

MAZZEI, Victor Reis. **Jornal o Diário: A censura e o papel da publicidade nos anos de chumbo (1968 – 1974)**. 2011. 214 p. Dissertação (Mestrado em História Social das Relações Políticas) – Instituto de Ciências Humanas – PPG História Social das Relações Políticas, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011.

**O PODER DAS “FORÇAS TERRÍVEIS”: A RENÚNCIA DE JÂNIO QUADROS E O
ENSAIO PARA O GOLPE CIVIL-MILITAR DE 1964**

CARLA DARLEM SILVA DOS REIS

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. **O Governo João Goulart – As lutas sociais no Brasil 1961-1964**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

SILVA, Luis Dário. **PSB / O SOCIALISMO PRAGMÁTICO**- Uma análise Política e Histórica. Recife, Editora Casa das Crianças de Olinda, 1992

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 4.ed..Rio de Janeiro: Mauad,1990.

TOLEDO, Caio Navarro de. **O Governo Goulart e o golpe de 64**. Rio de Janeiro: Editora Brasiliense, 1982.